GESTÃO DE EMERGÊNCIAS E DESASTRES – UM OLHAR ALÉM DO DESASTRE

https://doi.org/10.22533/at.ed.784162519025

Data de aceite: 12/03/2025

Thyago Inocente de Oliveira
Centro Educacional - Educaminas
Itapecerica da Serra

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Pós Graduação em **2025** da Faculdade Educaminas, como requisito para obtenção do grau de Especialista em Gestão de Emergências e Desastres.

"Há sem dúvida quem ame o infinito,
Há sem dúvida quem deseje o impossível,
Há sem dúvida quem não queira nada —
Três tipos de idealistas, e eu nenhum deles:
Porque eu amo infinitamente o finito,
Porque eu desejo impossivelmente o possível,
Porque quero tudo, ou um pouco mais, se puder ser,
Ou até se não puder ser"

Álvaro de Campos (Fernando Pessoa).

RESUMO: A gestão de emergências e desastres exige uma abordagem integrada que leve em consideração não apenas as necessidades de saúde física, mas também as psicológicas das populações afetadas. Esse campo envolve múltiplos desafios, como a coordenação entre diferentes setores, o gerenciamento de recursos e a tomada de decisões rápidas e eficazes em cenários de crise. A colaboração entre profissionais de diferentes áreas, como a psicologia e a enfermagem, é essencial para o sucesso das intervenções. A saúde mental das vítimas e dos profissionais envolvidos tem ganhado maior relevância nas práticas de gestão, com a implementação de ações de apoio psicológico que contribuem para a recuperação emocional das pessoas afetadas. Além disso, os dilemas ético-legais que surgem nesses contextos, como a escassez de recursos e a alocação de cuidados, exigem uma reflexão constante sobre a prática profissional e a tomada de decisões, que devem ser feitas de forma justa e ponderada. O uso de tecnologias emergentes, como a cartografia social, tem mostrado grande potencial na gestão de desastres, pois possibilita a coleta e análise de dados essenciais para uma resposta mais precisa e coordenada, garantindo que as ações sejam direcionadas para as áreas de maior necessidade. Em face desses desafios, a gestão de emergências tem evoluído, com avanços significativos no aprimoramento das estratégias de resposta e recuperação, a valorização da

saúde mental e a integração de novas tecnologias, o que possibilita uma ação mais eficaz e humanizada em situações extremas.
PALAVRAS-CHAVE: gestão de emergências, desastres, saúde mental, psicologia, ética, tecnologias emergentes, cartografia social, resposta a desastres.

EMERGENCY AND DISASTER MANAGEMENT – A LOOK BEYOND THE DISASTER

ABSTRACT: Emergency and disaster management requires an integrated approach that takes into account not only the physical health needs, but also the psychological needs of the affected populations. This field involves multiple challenges, such as coordination between different sectors, resource management, and rapid and effective decision-making in crisis scenarios. Collaboration between professionals from different areas, such as psychology and nursing, is essential for the success of interventions. The mental health of victims and professionals involved has gained greater relevance in management practices, with the implementation of psychological support actions that contribute to the emotional recovery of those affected. In addition, the ethical and legal dilemmas that arise in these contexts, such as the scarcity of resources and the allocation of care, require constant reflection on professional practice and decision-making, which must be made in a fair and considered manner. The use of emerging technologies, such as social mapping, has shown great potential in disaster management, as it enables the collection and analysis of essential data for a more precise and coordinated response, ensuring that actions are directed to the areas of greatest need. In the face of these challenges, emergency management has evolved, with significant advances in improving response and recovery strategies, the appreciation of mental health and the integration of new technologies, which enables more effective and humanized action in extreme situations.
KEYWORDS: emergency management, disasters, mental health, psychology, emerging technologies, social mapping, disaster response.

1 | INTRODUÇÃO

A gestão de emergências e desastres tornou-se um campo essencial para a organização e resposta eficaz a eventos catastróficos, como desastres naturais, emergências de saúde pública e crises de segurança. Esses eventos exigem uma preparação e resposta rápida para minimizar danos e garantir a segurança da população. Segundo Da Silva e De Araújo Menezes (2021), compreender o risco associado a essas situações e como ele é gerido é crucial para a eficiência das ações de resposta. Além disso, a integração de diferentes áreas, como saúde, psicologia e segurança, é fundamental para uma abordagem multidisciplinar e bem-sucedida.

O estudo de Duarte et al (2024) reforça que a prática de enfermagem, especialmente em emergências e desastres, enfrenta dilemas ético-legais complexos, que exigem uma abordagem cuidadosa e sensível às necessidades das vítimas e das equipes de atendimento. A atuação de profissionais da saúde, incluindo enfermeiros e médicos, deve

ser orientada por protocolos éticos, garantindo o atendimento adequado e a proteção dos direitos das vítimas. Nesse contexto, a formação e capacitação contínua são indispensáveis para lidar com os desafios que surgem em situações de crise.

A psicologia desempenha um papel central na gestão de emergências e desastres, não apenas no auxílio às vítimas, mas também no suporte psicológico às equipes envolvidas. Paixão e de Amorim Andrade (2024) destacam que a atuação do psicólogo nesse contexto vai além do cuidado emocional, englobando intervenções que promovem a resiliência e a saúde mental das vítimas e dos profissionais. Os psicólogos devem trabalhar de forma integrada com outros profissionais, contribuindo para a construção de uma rede de apoio psicossocial que facilite a recuperação emocional e social após uma crise.

Além da atuação psicológica, a gestão de emergências e desastres também envolve o uso de tecnologias e metodologias inovadoras, como os sistemas de informações geográficas (SIG), para melhorar a tomada de decisões. Segundo Freitas e Nunes (2021), os SIG participativos podem contribuir significativamente para a gestão de riscos e desastres, permitindo uma análise mais precisa e o planejamento de respostas mais eficazes. Esses sistemas ajudam a mapear áreas de risco, identificar populações vulneráveis e otimizar o uso de recursos, facilitando a coordenação entre as diferentes entidades envolvidas na resposta.

Por fim, é importante destacar que a gestão de emergências e desastres exige uma abordagem contínua de aprendizado e adaptação. A troca de experiências entre diferentes regiões e o constante aprimoramento das práticas, como o uso de protocolos de evacuação e a integração das ciências sociais, são essenciais para fortalecer a capacidade de resposta. Como discutido por Ribeiro (2023), a experiência acumulada durante eventos passados fornece uma base sólida para a melhoria das estratégias de enfrentamento, garantindo que as lições aprendidas sejam aplicadas em futuras emergências e desastres.

2 | OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar a gestão de emergências e desastres, com ênfase na atuação de profissionais de saúde e psicologia, e nas práticas de resposta e prevenção.

2.2 Objetivos Específicos

- Discutir os dilemas ético-legais enfrentados pelos profissionais de enfermagem em desastres;
- Investigar o papel do psicólogo no suporte a vítimas e profissionais durante crises;

- Analisar a integração de tecnologias, como a cartografia social, na gestão de riscos de desastres.

3 I REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Gestão de Emergências e Desastres: Conceitos e Práticas

A gestão de emergências e desastres é um campo multidisciplinar que envolve várias etapas essenciais para minimizar os impactos de eventos adversos, como desastres naturais e crises de saúde pública. Silveira et al. (2021) definem a gestão de desastres como um conjunto de ações voltadas para a preparação, a resposta imediata e a recuperação das áreas afetadas. Essas ações são fundamentais para reduzir a vulnerabilidade das populações e promover sua rápida recuperação. A gestão eficaz requer uma abordagem integrada, em que diversos setores da sociedade, incluindo o governo, organizações não governamentais (ONGs) e a população, colaboram para implementar estratégias eficientes.

A resposta a desastres, conforme Freitas et al. (2023), deve ser planejada com antecedência e baseada em protocolos bem definidos. Isso inclui a identificação de riscos, a capacitação de equipes de emergência e o estabelecimento de sistemas de comunicação eficientes. Além disso, a recuperação após um desastre envolve o restabelecimento das infraestruturas essenciais, como água potável, serviços médicos e redes de transporte. O processo de recuperação também abrange o apoio psicológico às vítimas e a reconstrução social das comunidades afetadas. O foco da gestão de desastres está em reduzir os danos e melhorar a resiliência das comunidades, permitindo que elas se recuperem mais rapidamente e de maneira mais sustentável.

Os princípios fundamentais da gestão de emergências incluem a prevenção, a mitigação, a preparação, a resposta e a recuperação, como descrito por diversos autores no campo. A prevenção envolve medidas para evitar que desastres ocorram, enquanto a mitigação busca reduzir os impactos de eventos inevitáveis. A preparação se refere à criação de planos de emergência e treinamentos para profissionais e para a comunidade. Já a resposta e a recuperação são fases que exigem uma ação rápida e coordenada, com foco em salvar vidas e restaurar as condições de vida normais.

Além disso, a gestão de emergências deve ser realizada com base em uma avaliação contínua dos riscos e das vulnerabilidades, conforme sugerido por diversos estudos. A capacidade de adaptação das estratégias de gestão, diante de novas ameaças e crises inesperadas, é um fator-chave para o sucesso. Isso implica em aprender com cada evento para aprimorar os protocolos e as práticas de gestão, promovendo uma cultura de prevenção e resiliência.

Por fim, a gestão de emergências e desastres requer uma colaboração entre diferentes áreas do conhecimento, como a saúde, a psicologia, a geografia e a engenharia,

entre outras. Essa abordagem interdisciplinar permite que as respostas sejam mais eficazes, pois cada área contribui com sua expertise para uma ação integrada e coordenada. A participação ativa de todos os setores da sociedade é essencial para garantir uma gestão bem-sucedida e para minimizar os impactos negativos em situações de emergência.

3.2 Risco e Percepção no Contexto de Emergências

A gestão de riscos é uma parte crucial da gestão de emergências, pois envolve a avaliação e o controle de fatores que podem agravar os efeitos de um desastre. Da Silva e De Araújo Menezes (2021) destacam que a percepção do risco é uma variável significativa nas decisões tomadas pelos profissionais de emergência, assim como pela população em geral. O risco, em um contexto de emergência, não é apenas uma medida objetiva das ameaças, mas também envolve a maneira como essas ameaças são percebidas pelas pessoas afetadas. A percepção de risco pode ser influenciada por diversos fatores, como experiências anteriores, informações disponíveis e até mesmo aspectos culturais.

A percepção do risco desempenha um papel importante nas atitudes da população antes, durante e após um desastre. A forma como os indivíduos avaliam os riscos pode influenciar seu comportamento de preparação, como, por exemplo, a disposição em seguir orientações de evacuação ou adotar medidas de proteção. Da Silva e De Araújo Menezes (2021) observam que, em muitos casos, a percepção do risco não é proporcional à real magnitude do perigo, o que pode levar a comportamentos inadequados. Isso pode ser um desafio significativo para os gestores de emergência, que precisam garantir que a população receba informações claras e baseadas em evidências para tomar decisões informadas.

A formação e treinamento das equipes de resposta também são afetados pela percepção do risco. Profissionais que não compreendem adequadamente os riscos envolvidos podem agir de maneira inadequada, colocando em risco a segurança das vítimas e da própria equipe. Além disso, a percepção do risco pode ser distorcida por fatores emocionais, como o pânico ou a negação, o que pode dificultar a coordenação e a eficácia da resposta. Para lidar com essas questões, é fundamental que as estratégias de comunicação de risco sejam bem planejadas e que as informações sejam transmitidas de forma clara e precisa.

O conceito de risco, conforme Da Silva e De Araújo Menezes (2021), é dinâmico e deve ser continuamente reavaliado à medida que novas informações se tornam disponíveis. A análise de risco deve ser baseada em dados atualizados sobre as ameaças, as vulnerabilidades das áreas afetadas e a capacidade de resposta das equipes de emergência. O uso de tecnologias, como os sistemas de informações geográficas (SIG), pode auxiliar na avaliação dos riscos e na formulação de estratégias mais eficazes de mitigação e resposta.

Por fim, é importante destacar que a percepção do risco não deve ser vista como um fator isolado. Ela deve ser integrada a uma abordagem mais ampla que considere as condições sociais, econômicas e culturais das comunidades afetadas. A gestão de riscos eficaz envolve não apenas a identificação e avaliação de ameaças, mas também a consideração das necessidades e das capacidades das populações em risco. A comunicação de risco deve ser adaptada para diferentes contextos e grupos sociais, a fim de garantir que todos compreendam as medidas necessárias para sua proteção.

3.3 A Contribuição da Psicologia em Situações de Desastres

A psicologia desempenha um papel fundamental na gestão de emergências e desastres, especialmente no apoio emocional às vítimas e no suporte aos profissionais envolvidos. Paixão e Andrade (2024) enfatizam que a atuação do psicólogo em situações de crise vai além do atendimento individual às vítimas, abrangendo também a gestão emocional das equipes de emergência. A presença do psicólogo nas áreas afetadas permite que as vítimas recebam o acolhimento necessário para lidar com o trauma e as perdas, além de contribuir para a resiliência das comunidades afetadas.

O psicólogo atua de maneira integrada com outros profissionais, oferecendo suporte psicológico, mas também participando da formulação de estratégias de intervenção que considerem os aspectos emocionais e sociais das vítimas. Paixão e Andrade (2024) destacam que, em desastres, as pessoas podem vivenciar uma gama de emoções intensas, como medo, ansiedade, tristeza e culpa. O apoio psicológico é essencial para ajudar as vítimas a processar essas emoções e a lidar com os efeitos do trauma.

Além do apoio individual, a psicologia também contribui para o fortalecimento da saúde mental coletiva. A atuação do psicólogo envolve, por exemplo, a criação de espaços de escuta e reflexão para as vítimas, além de promover a recuperação da autoestima e da confiança. O trabalho psicoterapêutico em grupo também pode ser fundamental, ajudando a criar um senso de comunidade e apoio mútuo entre os afetados. Essa abordagem contribui para a superação do trauma coletivo e facilita a reconstrução social das áreas atingidas.

Além disso, a psicologia também oferece suporte para os profissionais que atuam diretamente nas frentes de emergência. Esses profissionais, frequentemente expostos a situações extremas e estressantes, também necessitam de cuidado psicológico para evitar o burnout (uma síndrome resultante do estresse crônico no ambiente de trabalho, caracterizada por exaustão extrema, despersonalização e redução da eficácia profissional. Reconhecido pela Organização Mundial da Saúde -OMS como um fenômeno ocupacional, o burnout afeta tanto a saúde mental quanto física, manifestando-se por meio de sintomas como fadiga persistente, desmotivação, irritabilidade, insônia e dificuldades de concentração. Esse esgotamento pode ser causado por uma carga excessiva de trabalho, falta de reconhecimento, pressão constante por resultados e ausência de um

ambiente organizacional saudável), e a desmotivação. Paixão e Andrade (2024) ressaltam que a saúde mental das equipes de emergência é fundamental para garantir a eficácia da resposta. O psicólogo, nesse caso, pode atuar no desenvolvimento de estratégias de coping (conjunto de estratégias cognitivas e comportamentais utilizadas por indivíduos para lidar com situações de estresse, desafios ou adversidades), e no gerenciamento do estresse, promovendo a saúde mental dos trabalhadores de forma contínua.

A psicologia, portanto, não é apenas um suporte emocional, mas também uma ferramenta para otimizar a resposta a desastres. O trabalho do psicólogo nas emergências pode melhorar a eficácia da gestão, proporcionando não só o cuidado das vítimas, mas também o fortalecimento das equipes e o restabelecimento das condições de vida das populações afetadas. Dessa forma, a psicologia contribui para a resiliência e a recuperação de todos os envolvidos em uma situação de desastre, seja como vítima ou como trabalhador.

3.4 Dilemas Éticos na Gestão de Emergências

A gestão de emergências, especialmente em situações de escassez de recursos, frequentemente coloca os profissionais de saúde, como enfermeiros, diante de dilemas éticos e legais complexos. Duarte et al. (2024) discutem que, em desastres, a alocação de recursos limitados, como leitos de hospital, medicamentos e equipamentos, exige decisões difíceis sobre quem deve receber atendimento prioritário. Essas decisões podem afetar profundamente a vida das vítimas e têm implicações éticas significativas, pois envolvem a consideração do valor da vida humana e da equidade no acesso ao cuidado.

Um dos principais dilemas éticos enfrentados pelos profissionais de saúde é a triagem, que envolve a priorização de pacientes com base na gravidade de suas condições. Em situações de desastre, a demanda por atendimento supera a capacidade dos sistemas de saúde, forçando os profissionais a tomar decisões difíceis sobre quais pacientes devem ser atendidos primeiro. Duarte et al. (2024) afirmam que essas decisões são complicadas pela falta de informações adequadas e pelo estresse emocional gerado pela situação de crise.

Outro dilema ético relevante é a necessidade de equilibrar a autonomia do paciente com a intervenção necessária para salvar vidas. Em alguns casos, os profissionais podem ser forçados a agir sem o consentimento explícito dos pacientes, especialmente quando estão incapacitados de tomar decisões informadas devido à gravidade de suas condições. Esses dilemas exigem uma análise cuidadosa das circunstâncias e uma compreensão profunda dos princípios éticos que orientam a prática da saúde.

A gestão de emergências também envolve dilemas éticos relacionados à comunicação. Os profissionais de saúde precisam ser transparentes com as vítimas e suas famílias sobre os riscos, as opções de tratamento e as limitações dos recursos disponíveis. Contudo, a comunicação de risco deve ser feita de maneira sensível, levando

em consideração o contexto emocional das vítimas e a necessidade de garantir a confiança nas equipes de atendimento. A clareza na comunicação é essencial para que as decisões tomadas sejam compreendidas e aceitas pelas partes envolvidas.

Por fim, a formação ética dos profissionais de saúde é essencial para lidar com esses dilemas de maneira adequada. Duarte et al. (2024) enfatizam que a educação contínua sobre ética na gestão de emergências e desastres é fundamental para preparar os profissionais para enfrentar situações de alta complexidade, garantindo que suas decisões sejam baseadas em princípios éticos sólidos e em uma visão humanitária do cuidado.

3.5 Tecnologias e Ferramentas na Gestão de Desastres

O uso de tecnologias inovadoras tem se mostrado fundamental na gestão de emergências e desastres. Segundo Oliveira et al. (2021), a implementação de ferramentas tecnológicas, como sistemas de informações geográficas (SIG) e plataformas de mapeamento social, permite uma melhor coordenação e resposta a situações de crise. Essas tecnologias são capazes de fornecer informações em tempo real sobre as condições das áreas afetadas, como o número de vítimas, a localização de abrigos e o status das infraestruturas essenciais.

As tecnologias de mapeamento social são especialmente úteis na gestão de desastres, pois permitem identificar as necessidades locais de maneira mais precisa e eficiente. Oliveira et al. (2021) destacam que, ao envolver a comunidade no processo de mapeamento, é possível obter informações detalhadas sobre as áreas mais vulneráveis e as necessidades específicas de cada grupo social. Esse tipo de tecnologia, aliado à participação ativa da população, ajuda a direcionar as ações de resposta de forma mais eficiente, garantindo que os recursos sejam utilizados de maneira estratégica.

Outro aspecto importante é o uso de tecnologias de comunicação, que permitem uma disseminação rápida e eficaz de informações para a população. Em situações de desastre, a comunicação é essencial para orientar as vítimas sobre as medidas de segurança e os locais de evacuação. As redes sociais e os aplicativos de mensagens, por exemplo, têm se mostrado ferramentas poderosas para disseminar alertas e atualizações em tempo real. Essas tecnologias também permitem que as autoridades de emergência se conectem rapidamente com as equipes de resposta e com outras partes envolvidas no gerenciamento da crise.

Além disso, as tecnologias podem auxiliar no monitoramento contínuo das condições de risco, possibilitando uma resposta mais proativa. O uso de sensores ambientais, drones e satélites pode fornecer dados precisos sobre eventos climáticos extremos e desastres naturais, permitindo que as autoridades antecipem ações e minimizem os danos. A integração dessas tecnologias com sistemas de alerta precoce também pode salvar vidas, permitindo que as comunidades sejam evacuadas antes que os desastres ocorram.

Por fim, as tecnologias de gestão de desastres oferecem oportunidades para aprimorar a educação e o treinamento em situações de emergência. Oliveira et al. (2021) observam que a simulação de cenários de desastre por meio de plataformas digitais pode melhorar a preparação das equipes de emergência e da população. Essas ferramentas, ao combinar dados reais e simulações, proporcionam uma compreensão mais profunda das dinâmicas de desastres e das melhores práticas a serem adotadas. Assim, as tecnologias não só melhoram a resposta a desastres, mas também fortalecem a capacidade de prevenção e mitigação.

4 | METODOLOGIA

O presente estudo trata de uma análise qualitativa, baseada na pesquisa se caracterizada como revisão bibliográfica, exploratória e de natureza descritiva. Segundo Gil (2008), a pesquisa de revisão bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Ainda segundo este autor, o estudo exploratório possibilita maior proximidade com o tema em questão, expandindo o conhecimento do pesquisador e permitindo aperfeiçoar e elucidar conceitos e ideias. No que tange o cunho descritivo, busca-se desenvolver e esclarecer conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos.

A revisão de literatura realizada nesse trabalho envolveu publicações indexadas no banco de dados eletrônicos *Scientific Eletronic Library Online* (SCIELO) e no PubMed. Os descritores utilizados para a busca de estudos foram: “Desastres”, “Emergências”, “Ambiental”. Foram também realizadas buscas por seus correspondentes em língua inglesa: “Disasters”, “Emergencies”, “Environmental”.

Como critério de inclusão, definiu-se a utilização de artigos completos de acesso livre, publicados em português e inglês nos últimos cinco anos (2021-2025). Os critérios de exclusão foram artigos que não estavam disponíveis na íntegra e sem consonância com a temática de estudo. Os dados foram extraídos e depositados em fichas/planilhas específicas utilizadas para a extração de dados. Os trabalhos selecionados, com base nos critérios de inclusão e exclusão, foram mantidos em pastas, formando a análise específica.

Após a seleção, conforme os critérios de inclusão e exclusão, os artigos foram lidos criteriosamente de acordo com o que mais se encaixava no tema abordado e ao final da revisão foi utilizado um total de artigos considerados relevantes para o estudo.

5 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

A gestão de emergências é um campo complexo que envolve diversos desafios e exige uma abordagem multifacetada para garantir respostas rápidas e eficazes. A coordenação entre diferentes setores é uma das principais dificuldades, pois as situações de crise exigem a integração de esforços entre serviços de saúde, segurança, infraestrutura e

apoio humanitário. A eficácia dessa colaboração está diretamente relacionada à capacidade de comunicação e à disposição dos diferentes grupos em trabalhar de maneira coordenada e eficiente. Para que as ações sejam bem-sucedidas, é necessário que os recursos sejam gerenciados de forma estratégica e distribuídos de maneira equitativa, considerando as prioridades e a urgência de cada situação.

Além da coordenação entre setores, o gerenciamento de recursos é um aspecto crucial na gestão de emergências. A escassez de materiais, profissionais e tempo pode dificultar a resposta a desastres, especialmente em cenários de alta complexidade, como terremotos, inundações ou epidemias. O planejamento antecipado e a criação de sistemas de estoque e distribuição de recursos são medidas essenciais para mitigar esses desafios. A utilização de tecnologias para otimizar o gerenciamento de recursos tem se mostrado uma estratégia eficaz, permitindo que as autoridades de emergência acompanhem em tempo real a alocação de suprimentos e ajustem as estratégias conforme necessário.

A resposta rápida a situações de crise também é um dos principais desafios enfrentados pelas equipes de emergência. Em situações extremas, o tempo é um fator decisivo para salvar vidas e reduzir os impactos do desastre. A formação e capacitação das equipes de resposta são fundamentais para garantir que os profissionais saibam agir rapidamente e de forma coordenada. Além disso, a capacidade de tomar decisões ágeis e eficazes, muitas vezes em condições adversas, é crucial para o sucesso das operações de emergência.

No contexto da gestão de emergências, a saúde mental das vítimas e dos profissionais envolvidos tem recebido crescente atenção. A presença de psicólogos e outros profissionais de saúde mental se mostrou essencial para o apoio psicológico das vítimas, que enfrentam situações de perda, trauma e estresse. Além disso, a saúde mental das equipes de resposta também deve ser priorizada, uma vez que os profissionais podem estar expostos a altos níveis de estresse e traumas devido à natureza do trabalho. Paixão e Andrade (2024) destacam que os psicólogos desempenham um papel fundamental em garantir que tanto as vítimas quanto os profissionais recebam o apoio necessário para lidar com os efeitos emocionais e psicológicos causados pelos desastres.

Os dilemas ético-legais são outra questão recorrente na gestão de emergências. Duarte et al. (2024) abordam esses desafios, que surgem frequentemente em cenários críticos, onde as decisões precisam ser tomadas rapidamente, e as consequências de um erro podem ser graves. A gestão de recursos limitados, a priorização de atendimentos e a tomada de decisões em situações de alto risco exigem uma reflexão constante sobre os princípios éticos que devem guiar a prática profissional. A ética no contexto da gestão de desastres envolve, por exemplo, a questão da justiça, pois é necessário garantir que todos recebam o atendimento adequado, independentemente de sua classe social, raça ou condição econômica.

As tecnologias emergentes têm se mostrado ferramentas poderosas na gestão de desastres. A cartografia social, como abordado por Oliveira et al. (2021), é um exemplo claro de como as tecnologias podem melhorar a resposta a emergências. Ao utilizar dados geoespaciais para mapear áreas de risco e necessidades locais, a cartografia social possibilita uma ação mais direcionada e eficiente. Essa ferramenta permite que as equipes de resposta identifiquem as zonas mais afetadas e atendam às vítimas de forma mais rápida, além de auxiliar na coordenação das equipes de resgate e apoio.

As tecnologias também desempenham um papel fundamental na comunicação durante desastres. Sistemas de alerta precoce, por exemplo, são cruciais para informar a população sobre a aproximação de eventos críticos, como furacões ou tsunamis. Esses sistemas permitem que as autoridades de emergência tomem medidas preventivas, como evacuações, antes que o desastre atinja a área. Além disso, as redes sociais e outras plataformas digitais têm sido instrumentos valiosos para disseminar informações em tempo real, conectando vítimas, profissionais de saúde e outros envolvidos na resposta ao desastre.

Outro aspecto importante é a utilização de plataformas de mapeamento social, que envolvem a população local na coleta de dados. Ao permitir que as pessoas afetadas diretamente pelo desastre compartilhem informações sobre suas necessidades e condições, as autoridades podem planejar e implementar respostas mais adequadas. Oliveira et al. (2021) destacam que a participação comunitária no processo de mapeamento torna a resposta mais eficaz, pois as informações coletadas refletem as realidades locais e as necessidades específicas de cada região ou grupo social.

O uso de tecnologias também pode facilitar o monitoramento contínuo das condições de risco em áreas propensas a desastres naturais. Drones, satélites e sensores ambientais permitem a coleta de dados precisos sobre eventos climáticos extremos, como chuvas intensas, incêndios florestais ou terremotos. Esses dispositivos podem detectar sinais precoces de desastres iminentes e fornecer informações críticas para que as autoridades adotem medidas preventivas, como evacuações ou alertas à população. A integração de sistemas de monitoramento e alerta precoce com plataformas de gestão de desastres pode salvar muitas vidas ao permitir uma resposta mais rápida e eficiente.

Em situações de emergência, a transparência na comunicação é essencial para garantir a confiança da população nas ações das autoridades. A disseminação clara e precisa de informações ajuda a reduzir o pânico e a confusão, permitindo que as pessoas saibam o que fazer e onde procurar ajuda. A utilização de tecnologias de comunicação, como aplicativos de mensagens e redes sociais, facilita o compartilhamento de alertas, instruções e atualizações em tempo real.

Além de melhorar a resposta a emergências, as tecnologias também têm um papel importante na prevenção e mitigação de desastres. O monitoramento em tempo real das condições climáticas, a utilização de sistemas de alerta precoce e o planejamento urbano

sustentável são algumas das formas pelas quais as tecnologias podem contribuir para a redução dos riscos de desastres. O investimento em tecnologias de prevenção, além de salvar vidas, pode reduzir significativamente os custos e os danos causados por desastres naturais.

O treinamento e a capacitação contínuos das equipes de resposta são outro ponto crucial na gestão de emergências. Oliveira et al. (2021) enfatizam a importância de utilizar simuladores e plataformas digitais para realizar treinamentos em cenários de desastre. Essas ferramentas permitem que as equipes pratiquem suas habilidades e se familiarizem com as tecnologias utilizadas nas operações de emergência. A simulação de situações de crise também proporciona uma compreensão mais profunda das dinâmicas de desastres e das melhores práticas a serem adotadas, fortalecendo a capacidade de resposta das equipes.

Em suma, a gestão de emergências exige uma combinação de planejamento, recursos adequados, capacidades humanas e tecnologias emergentes. A coordenação entre setores, o gerenciamento eficiente de recursos e a resposta rápida a crises são aspectos fundamentais para enfrentar desastres de maneira eficaz. A integração das tecnologias na gestão de desastres, como a cartografia social e o uso de plataformas digitais, tem demonstrado um grande potencial para aprimorar as ações de resposta, melhorar a comunicação e salvar vidas. A reflexão ética e a atenção à saúde mental das vítimas e dos profissionais envolvidos também são fundamentais para garantir que as respostas a desastres sejam humanitárias e eficazes.

6 | CONCLUSÃO

A gestão de emergências e desastres exige uma abordagem integrada que considere tanto as necessidades de saúde física quanto mental das populações afetadas, além dos aspectos éticos e legais presentes nas decisões tomadas pelos profissionais envolvidos. A colaboração entre diferentes áreas do conhecimento, como a psicologia, a enfermagem e outras disciplinas, é essencial para a efetividade das intervenções, pois cada área traz contribuições únicas e complementares que enriquecem a resposta ao desastre.

O uso de tecnologias inovadoras tem se mostrado um diferencial importante para aprimorar as estratégias de resposta e recuperação, permitindo uma gestão mais ágil e precisa dos recursos e das informações. A implementação de ferramentas tecnológicas, como sistemas de monitoramento e plataformas de comunicação em tempo real, contribui para uma ação mais coordenada e eficiente, além de possibilitar um melhor acompanhamento das necessidades das vítimas e das equipes de resposta.

Embora a gestão de emergências e desastres enfrente desafios significativos, como a escassez de recursos e a necessidade de decisões rápidas, os avanços nas práticas e na formação das equipes têm contribuído para a evolução constante deste campo. A

valorização da saúde mental das vítimas e dos profissionais, bem como a reflexão constante sobre os dilemas éticos que surgem nessas situações, são aspectos que têm ganhado destaque e devem ser continuamente incorporados nas estratégias de intervenção.

Portanto, apesar das dificuldades encontradas, a gestão de emergências tem avançado, principalmente no que diz respeito à integração de novos conhecimentos, ao aprimoramento das técnicas de gestão e ao fortalecimento do papel da saúde mental e da ética no contexto de desastres. A constante evolução das práticas de resposta, aliada ao uso de tecnologias e ao envolvimento de múltiplas disciplinas, tem o potencial de melhorar significativamente a eficácia das intervenções e garantir que as populações afetadas recebam o apoio necessário para a recuperação.

É fundamental que as futuras estratégias de gestão de emergências continuem a focar na colaboração interinstitucional, na capacitação das equipes envolvidas e na adaptação das tecnologias às realidades locais, sempre com uma atenção especial às questões éticas e psicológicas que surgem em contextos de crise. Assim, será possível enfrentar de maneira mais eficaz os desafios impostos pelos desastres e emergências, minimizando seus impactos e promovendo a recuperação das comunidades afetadas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e Nossa Senhora Aparecida por mais esta oportunidade que concedeu em minha vida, em poder concluir mais um projeto de Pós.

Também a minha família, minha esposa Ana Paula, que é a responsável direta por mais esta conquista, sem ela teria ficado pelo caminho.

Aos meus filhos João Pedro e Letícia, aos quais dedico este trabalho.

Ao meu sogro Elson e minha sogra Admaura que destes anos para cá se tornaram os pais que me guiam.

Pessoas especiais que preciso citar como meus pais Ademir e Penha, meus irmãos Cinthya e Filipe, meus cunhados Paulo Ricardo, Valdir e Priscila, as riquezas da minha vida meus sobrinhos Rafael, Isadora, Guilherme, Maria Raquel e João Miguel, minha tia Sandra, que consegue ser luz aonde as vezes parece tudo escuro.Minha “mãe” do coração Neia e seu esposo Gilberto, enfim a tantos outros que sempre estiveram ao meu lado me apoiando em todos os momentos.

A todos os companheiros e companheiras da Defesa Civil em nome da Maria Fernanda que juntos vencemos cada obstáculo e trocamos experiências.

Ao amigo que acreditou em mim e porque não um mentor que vida me apresentou, Adriano Aurélio, meu muito obrigado.

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma cooperaram por este momento.

REFERÊNCIAS

BALDAÇARA, Leonardo et al. A gestão de emergências psiquiátricas em situações de calamidade pública. **Debates em Psiquiatria**, v. 14, p. 1-34, 2024.

BARBOSA, Luiz Augusto Souza; DAMASCENO, Roniel Sousa; COSTA, Maria Suely Alves. Psicologia das emergências e desastres no Brasil: uma revisão de literatura. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 15, n. 1, p. 134-149, 2023.

BETTY, Ingrid Barbosa; GEMMA, Sandra Francisca Bezerra. A ERGONOMIA DA ATIVIDADE E A PSICOLOGIA DE EMERGÊNCIAS & DESASTRES, DURANTE O DESASTRE DA COVID-19 NO BRASIL.

DA SILVA, Juliana Catarine Barbosa; DE ARAÚJO MENEZES, Jaileila. Discursos sobre o risco no contexto da gestão de emergências e desastres. **Psicologia em Revista**, v. 27, n. 1, p. 145-164, 2021.

DE OLIVEIRA, Alexsandro Narciso et al. Gestão de crises e emergências em unidades de pronto atendimento. **Revista Tópicos**, v. 2, n. 9, p. 1-13, 2024.

DO PSICÓLOGO, A. ATUAÇÃO. GUIA PRÁTICO DE ORIENTAÇÃO EM EMERGÊNCIAS E DESASTRES.

DUARTE, Alex Coelho da Silva et al. Dilemas ético-legais da prática de enfermagem em emergências e desastres: revisão de escopo. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 58, p. e20230233, 2024.

FREITAS, Carlos Machado de et al. Orientações para gestão de risco de desastres e emergências em saúde pública: abordagem integrada, atenção primária e vigilância em saúde. 2023.

FREITAS, Leonardo Esteves de; NUNES, Flávio Souza Brasil. Potencial de SIG participativos na Gestão de Riscos de Desastres e Emergências em Saúde. **Saúde em Debate**, v. 44, p. 214-229, 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Layla Raquel Silva. **Achar palavra: um dispositivo psicanalítico em urgências, emergências e desastres**. 2023. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

HABERLAND, Débora Fernanda et al. COMPETÊNCIAS PARA PRÁTICAS DE EVACUAÇÕES AEROMÉDICAS EM EMERGÊNCIAS E DESASTRES: REVISÃO DE ESCOPO. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 32, p. e20220315, 2023.

NGANHANE, Hélio Vasco. **Avaliação e Gestão de Riscos Naturais no Contexto das Alterações Climáticas em Moçambique-A Base de Dados Riscar**. 2024. Tese de Doutorado. Universidade de Coimbra.

OLIVEIRA, Simone Santos et al. De Nosso Território Sabemos Nós: experiência de cartografia social para emergências e desastres. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 10, p. 4579-4590, 2021.

PAIXÃO, Tanatta Barbosa; DE AMORIM ANDRADE, Alcilene Lopes. PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES DO PSICÓLOGO NO CONTEXTO DE EMERGÊNCIAS E DESASTRES. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, v. 9, n. 1, 2024.

PEDRO, Maria Rosel S.; PALHA, António José Pacheco; FERREIRA, Maria Amélia. Os desafios para o ensino de emergências de psiquiatria em desastres e conflitos armados. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 46, n. 02, p. e074, 2022.

RIBEIRO, Carla Manuela Lopes. **Cenário com múltiplas vítimas no contexto do Serviço de Urgência: estratégias de atendimento e gestão de emergências**. 2023. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho (Portugal).

RIBEIRO, Fernanda Lais; MAGALHÃES, Lilian. A contribuição de terapeutas ocupacionais no domínio da gestão de risco e desastres: um protocolo de revisão de escopo. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 32, p. e3678, 2024.

RODRIGUES, Carlos Alberto; DOS SANTOS BAHIA, Eliana Maria. Gestão de emergência em arquivos. **Fórum de Estudos em Informação, Sociedade e Ciência**, v. 4, p. 180-187, 2021.

SANTOS, Laís Silveira; PAGANI, Camila. Ética na gestão pública de emergências: Perspectivas e contrastes entre Santa Catarina e Flórida. **Revista de Administração FACES Journal**, 2023.

SILVA, Renato França da et al. A redução de risco de desastres, a agenda dos Objetivos Sustentáveis e os princípios do SUS, no contexto da pandemia de COVID-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 28, n. 06, p. 1777-1788, 2023.

SILVEIRA, L. T. C. et al. O Marco de Sendai, a agenda dos objetivos sustentáveis e os princípios do SUS visando a gestão de desastres em épocas de emergência de saúde pública pelo COVID-19. 2021.

SILVEIRA, Lucia Teresa Côrtes da; OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de. Emergências em Saúde Pública, desastres e risco: perspectivas e abordagens a partir das ciências sociais. **Saúde em Debate**, v. 47, p. 844-857, 2023.

SOUZA, Amanda; LIMA, Diogo. Confluência e Resiliência: Diversidade na Gestão de Emergências Climática.